

MEMÓRIAS FULIGEM: PERFORMANCE PRETA NA CENA CONTEMPORÂNEA

João Francisco de Azevedo Neto ¹
<https://orcid.org/0000-0002-9328-4027>

Naira Neide Ciotti ²
<https://orcid.org/0000-0002-2670-2778>

RESUMO:

Este trabalho se propõe a discutir o processo de criação da performance **Fuligem** (2019), para assim refletir de forma crítica sobre o corpo preto e as formas de escravidão contemporâneas. Nesse sentido, usei um repertório auto biográfico de composição para criar esta performance. Com isso, ao procurar o material para este trabalho, realizei trabalho de campo à Usina São Francisco em Ceará-Mirim, RN. Em seguida, construí um processo artístico em Performance Art que envolveu várias etapas, dentre elas: criação de foto performances e vídeo performances, de modo a criticar e recriar poeticamente as terríveis condições de trabalho dos boias-frias ainda hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Performance preta. Cena contemporânea. Fuligem. Arte da performance.

SOOT MEMORIES: BLACK PERFORMANCE IN THE CONTEMPORARY SCENE

ABSTRACT:

*The aim of this work is to discuss the creative process of the photo and video performance entitled **Fuligem** ("Soot", 2019), in order to critically reflect on the black body and the forms of slave labor now-a-days. In that sense, I used an autobiographical repertoire to create this performance artwork, as well as field work visiting the Usina São Francisco in Ceará-Mirim, Brazil. Then, I built a Performance Art artistic process that involved several stages, such as creation of photo performances and video performances as a way to criticize and poetically recreate the terrible working conditions of "boias-frias" to this day.*

KEYWORDS: *Black performance. Contemporary scene. Soot. Performance art.*

¹ **João Francisco de Azevedo Neto** é Licenciado em Teatro pela na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tendo sido bolsista do PIBITI (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação). Email: joaoazevedoneto703@gmail.com .

² **Naira Ciotti** é professora-performer. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/ SP. Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, orientou a realização da performance objeto deste artigo. E-mail nairaciotti@gmail.com .



Dedico tanto esse trabalho artístico quanto esta pesquisa a meu pai e a todos os “boias-frias” desse país que vivem em situações de trabalho análogas a de escravidão ainda hoje

1. Introdução

Este artigo se propõe a investigar algumas possibilidades para a performance preta na cena contemporânea brasileira, tendo para tal, como objeto específico e ponto de partida, a construção e discussão da vídeo- e foto-performance **Fuligem**³(2019), realizada a partir de minhas memórias como filho e neto de cortadores de cana (“boias-frias”) e suas terríveis condições de vida e trabalho. A partir da discussão desta performance e de sua construção, pretendo pensar aquilo que, no Brasil de hoje, pode ser chamado de “escravidão contemporânea”⁴.

Ao longo da minha infância, até os 10 anos de idade, tive com o meu pai pouco diálogo, por dois motivos. Primeiro, porque ele não era uma pessoa de conversar com seus filhos – como ele mesmo sempre dizia “sua obrigação era botar comida em casa”. Segundo, porque antes mesmo do sol raiar, ele saía de casa e só voltava à noite. A pesada rotina de trabalho do meu pai, como boia-fria na plantação de cana-de-açúcar da Usina São Francisco em Ceará-Mirim/RN, era um fator degradante para suas condições físicas e sociais, embora em minha infância não tivesse clara essa noção.

Quando completei 13 anos de idade, a minha mãe me deu a tarefa de levar almoço para meu pai às 16:00 horas da tarde em seu trabalho, uma vez que os trabalhadores não recebiam refeição. Até aquele momento, eu ainda não sabia que eles também não recebiam nem mesmo o material de trabalho, como o facão; ou materiais simples de proteção, como botas. Mais tarde, percebi ainda que cada trabalhador tinha que comprar estes materiais no armazém da usina, para ser descontado do seu salário ao final da colheita de cana-de-açúcar.

³ Este artigo é resultado da pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Teatro, desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, igualmente intitulado **Fuligem**, realizado em 2019.

⁴ Como pode ser confirmado pelos dados disponíveis no site da *Organização Internacional do Trabalho* (OIT, 2020).



Na maioria das vezes, quando eu ia entregar o almoço, eu sempre pedia para ficar com ele no canavial, pois era a forma que achei de estar mais próximo do meu pai. Enquanto ele cortava a cana-de-açúcar, eu o ajudava puxando as canas para serem amarradas e para poder levá-las para o caminhão. Entre um corte e outro de cana-de-açúcar, observava que, por mais que utilizasse camisas longas e boné para se proteger, ele sempre se cortava nos braços e no rosto, com as farpas produzidas pelo corte da cana. Isso ocorria por nunca terem material de proteção adequado.

Durante as queimadas, hoje percebo, partículas de fuligem tomavam conta da cidade e das casas próximas à Usina São Francisco⁵. Eram partículas pretas resultantes da queima do bagaço da cana-de-açúcar e as muitas famílias, que não têm suas casas forradas de gesso, precisavam limpá-las constantemente, até o fim da queimada. Essa fuligem ocasionou problemas respiratórios (como asma, sinusite, alergias) nos filhos de muitos trabalhadores, dentre os quais, eu também me enquadrava como um dos afetados. Em meio a essas partículas pretas que tomavam conta do canavial e da cidade, eu observava o meu pai como se ele fosse um super-herói, mas que não era igual aos dos desenhos animados: era feito de carne, osso, e estava presente, na minha frente. Um herói da vida real.

Então, ele, aos 78 anos de idade, e eu, aos 30 anos, revivemos essas memórias, juntos, em longas conversas. Lembrando dessas vivências na infância, agora, na fase adulta e como pesquisador, realizei entrevistas e visitas de campo, retornando aos mesmos lugares, de modo a poder produzir um trabalho artístico, que intitulei **Fuligem** (2019). Fuligem quer dizer: substância preta, proveniente da decomposição de materiais combustíveis.

A partir de minhas memórias, comecei a, primeiro, desenvolver uma entrevista, seguida de pesquisa de campo, em que pude vivenciar o dia a dia dos Boias-frias na atualidade, como metodologia de investigação para construção da performance—etapas que serão melhor descritas a seguir, no item 2 deste artigo. Em parte, fui inspirado pela escritora e psicóloga Grada Kilomba, em seu livro *Memórias da Plantação*

⁵ A “Antiga Usina São Francisco (...) chegava a gerar aproximadamente 1000 empregos diretos e indiretos na região.” (COUTINHO, 2016, página 34).



(2019), publicado originalmente em 2008, no qual ela faz uma compilação de episódios de racismo cotidiano, baseada em conversas com mulheres da diáspora africana.

Em certo sentido, poderia ainda dizer que o processo de construção desta pesquisa também se deu a partir da minha vivência na universidade como estudante preto, dentro de um espaço institucional majoritariamente branco, marcado pela falta de referências negras. Isso me levou a buscar, em meus trabalhos artísticos, dispositivos raciais e referência a autores pretos. Esse meu questionamento não busca desmerecer autores europeus, e sim propor perspectivas contra hegemônicas, e consequentemente, a emergência de outras narrativas. Nesse contexto, pensar a performance de corpos pretos vêm acontecendo como forma de resistência, como forma de ressignificar a presença de nossos corpos nesses nos espaços institucionais.

E, Assim, comecei, ainda na graduação, a pesquisar e fazer performance preta, sobre questões sociais e políticas que afetam a mim e ao povo preto de uma maneira geral. Paralelamente, desenvolvi leituras de alguns autores e de artistas que abordam, em suas performances, a negritude e a corporeidade preta. São eles: Achille Mbembe, Frantz Fanon, Carlos Sakamoto, Ayrson Heráclito, Tiago Santana, Grada Kilomba, Paulo Nazareth e Carlos Martel. Desse modo, assumindo, em meu trabalho, a perspectiva de que pessoas pretas não são mais só mero objeto de pesquisa realizada pela branquitude, são também pesquisadoras e autoras de sua própria história e essas narrativas, com outras perspectivas, podem fazer um grande diferencial para pesquisadores pretos na contemporaneidade e, consequentemente, para gerações futura. Assim, como descreve o professor Ayrson Heráclito, em entrevista

Estar nas universidades é exatamente isso. Como professor, é também falar que existem outras formas de compreensão de ensino, de maneiras e de métodos de ensino. Então, nós vamos ter que olhar também para os nossos livros que são escritos pela natureza, que estão escritos pelas culturas indígenas e negras. Esse arquivo, essa biblioteca imensa e seu legado imenso que foi escrito ali nos terreiros. Então, vamos também olhar para esses mestres, esses teóricos, esses filósofos porque eles não podem ficar mais invisíveis. (HERÁCLITO, 2019, p. 17)

A partir dessas leituras e com base em minhas vivências, nasceu a performance **Fuligem**. O processo artístico se deu, como mencionei, através do desenvolvimento de uma pesquisa biográfica e documental sobre o trabalho escravo na contemporaneidade, tendo como objeto de estudo os Boias-frias na plantação de cana-



de-açúcar de Ceará-Mirim/RN. Esta pesquisa me possibilitou me reconectar com minhas vivências e memórias de meu pai na infância, e potencializá-las criativamente em meu processo artístico. No ato de escrever esta pesquisa, também escrevo quem eu sou, compreendendo assim a arte como campo político, interdisciplinar e diversificado, ao desarticular lógicas formais no exercício de escritas de si como matéria central.

2. Memórias de Fuligem: construção da Performance

Retomando, entrevistei o ex boia-fria, Francisco Virginio dos Santos, que contribuiu narrando um pouco de sua experiência como trabalhador rural. O meu propósito em realizar essa entrevista com o meu pai, era escutar a vivência que ele teve como Boia-fria para usar como estímulo no meu processo de criação.

Para além disso, busquei ainda vivenciar na prática o dia-dia de um cortador de cana-de-açúcar na *Usina São Francisco* (Ceará-Mirim-RN). E a partir dessa vivência, pude revisitar, ao longo de um ano, a situação vivida pelo meu pai décadas atrás, agora sob um olhar contemporâneo e presenciando que esses trabalhadores, de fato, ainda vivem em situações análogas à escravidão – tema a ser discutido mais à frente.



Foto 1. Francisco Virginio dos Santos, ex Boia-fria. Foto de Robvani Gomes (2020)



Francisco Virginio dos Santos tem 78 anos de idade, nasceu em Coqueiros, comunidade quilombola e distrito de Ceará-Mirim-RN, onde teve seus primeiros filhos com sua mulher, Maria do Socorro Azevedo dos Santos. Se mudou para viver na cidade de Ceará-Mirim depois que seus filhos nasceram. Trabalhou durante 50 anos como boia-fria no Canavial da Usina São Francisco, dos 15 aos 65 anos de idade. Segundo ele, não tinha salário fixo, o que recebia era por produção, ou seja, pela quantidade de canas que conseguia cortar durante o dia. Seu Francisco nos relata que raramente paravam para almoçar, para não perder tempo e conseguir cortar mais cana-de-açúcar. Relata também que não recebiam almoço, pois trabalhavam mais de 8 horas por dia e, por isso, a maioria levava o almoço de manhã bem cedo. O ruim, segundo ele, era que, por causa do horário, a comida já estava fria, mas, mesmo assim, eles comiam e é por esse motivo que as pessoas que trabalham na plantação e colheita de cana-de-açúcar são chamadas de boia-fria.

Percebi que eu necessitava ter um contato direto com os boias-frias que estavam na ativa, para de fato vivenciar a realidade desses trabalhadores. Com isso, comecei a frequentar o canavial da Usina São Francisco. Na primeira visita, quando cheguei ao local, coincidentemente estava acontecendo uma queimada⁶ e fiquei observando a fumaça, que ia se expandindo por todo o espaço e ganhando mais proporção em direção ao centro da cidade de Ceará-Mirim RN, minha cidade natal.

Na semana seguinte, me desloquei ao canavial e tive a oportunidade de ver alguns trabalhadores replantando mudas de cana-de-açúcar, agora para refazer a plantação. Dando andamento à visita, encontrei outros trabalhadores cortando a cana-de-açúcar e perguntei a eles qual era o período de plantar, colher e de produzir cana e rapadura. Eles me informaram que, entre a plantação e a produção de cachaça, levaria

⁶ Queimada é uma prática primitiva da agricultura, destinada principalmente à limpeza do terreno para o cultivo de plantações ou formação de pastos, com uso do fogo de forma controlada que, às vezes, pode descontrolar-se e causar incêndios em florestas, matas e terrenos grandes. Gera grande quantidade de fuligem e fumaça, além de empobrecer o solo. Segundo os dados de João Francisco Gonçalves Antunes (PqC Embrapa Informática Agropecuária, 2019) um dos pontos mais críticos sobre a queimada da palha seca da cana são as emissões de gases do efeito estufa na atmosfera, principalmente o gás carbônico (CO₂), como também o monóxido de carbono (CO), o óxido nitroso (N₂O), o metano (CH₄) e a formação do ozônio (O₃), além da poluição do ar atmosférico pela fumaça e fuligem.



cerca de um ano a um ano e meio. De acordo com eles, esse período varia muito, devido às condições climáticas de cada estado.

Após observar esse processo, resolvi caminhar adentrando o terreno do canavial, o que me permitiu ver que, ainda, havia muito pó preto no local onde ocorreu a queimada. Perguntei a um trabalhador o que seria aquilo. Prontamente o homem me mostrou que *aquilo* eram partículas, resultante das farpas que tem na cana-de-açúcar e que são um dos principais motivos para usar camisas longas, porque elas cortam a pele e precisam se proteger delas. O homem ainda me explicou que, ao ser queimada, “a cana se transforma em *fuligem*”. Ao vivenciar esse processo de plantação, pude perceber o quanto ele é agressivo para a saúde desses trabalhadores como um todo.

Contudo, com a chegada do fiscal ao local, não pude dar continuidade à visita. Ao ser questionado pelo fiscal, expliquei que era estudante e estava fazendo uma pesquisa de campo. Ele me informou que iria falar com o chefe dele, para saber se minha permanência no local e as entrevistas seriam autorizadas. Seu superior não autorizou nem as entrevistas nem a realização de registros fotográficos e vídeos dos funcionários. No entanto, eu poderia frequentar o local, desde que respeitando as instruções. Passei a frequentar semanalmente o canavial, assim vivenciando o trabalho dos Boias-frias. Nessa primeira observação, analisei algumas características dos trabalhadores e sua rotina de trabalho. A atividade de observação me permitiu constatar que, na maioria das vezes, os trabalhadores não tinham nem uma hora de intervalo para almoçar e descansar, levando-se em consideração o trabalho que eles realizam. Eles recebem seu pagamento por produção, sendo assim, quanto mais tempo eles cortam cana-de-açúcar, maior será o seu salário. Dessa maneira, pude também perceber a velocidade com que eles cortavam a cana-de-açúcar com o facão.

Paralelamente às visitas ao canavial, eu levava para sala de ensaio, registros dessas atividades por meio de desenhos e da escrita, com o intuito de ressignificá-las em movimentos corporais. Desse modo, ao fim de cada ensaio, escrevia no caderno quais as sensações que pulsavam no meu corpo, sendo elas sobretudo: angústia, cansaço e raiva.

Após 16 dias de pesquisa de campo, fiz uma proposta ao chefe do canavial: já que eu não podia tirar foto dos trabalhadores, gostaria de vivenciar na prática o dia-a-dia deles, ou seja, cortar a cana e inseri-las no caminhão, entre outras atividades



solicitadas – mas com a condição de que todas as minhas ações tinham que ser registradas. Recebi um posicionamento favorável do chefe, no entanto eu não poderia ficar a mesma quantidade de horas que os trabalhadores. Desse modo, todas as foto-performances foram realizadas no canavial da Usina São Francisco, no momento que eu estava, de fato, desenvolvendo as atividades dos trabalhadores. Depois de dois meses no canavial, perguntei ao chefe se tinha a possibilidade de gravar minhas atividades e o posicionamento foi favorável, mas com a condição de que eu só poderia gravar minha imagem, e não a dos trabalhadores, e num prazo de três horas de gravação. Para a vídeo-performance, realizamos a gravação pegando algumas imagens do canavial, a chegada do caminhão de colheita, o percurso que ele fazia no canavial, e todo processo de corte da cana e inserção no caminhão, e a posterior queimada da cana-de-açúcar.



Foto 2. Performance Fuligem: Bagaço. Foto de Alessandro Silva, 2019.
Usina São Francisco/ Ceará-Mirim-RN



Por escravidão contemporânea, entende-se aqui o processo de superexploração em que trabalhadores são submetidos a condições extremamente precárias de trabalho e remuneração, com infrações graves da legislação trabalhista, ainda que não necessariamente se verifique a privação da liberdade. Já os casos registrados como desrespeito trabalhista indicam o não cumprimento da legislação trabalhista vigente, mas sem que se submeta o trabalhador a condições degradantes. Estas atividades ocorrem principalmente nas regiões Norte e Centro-Oeste, que continuam liderando o número de casos de trabalho escravo.

Segundo os dados da *Comissão Pastoral da Terra* (CPT, 2018), o perfil de pessoas que trabalhavam em processo de escravidão no período colonial se reflete, até hoje, nisso que pode ser chamado de escravidão contemporânea: são, majoritariamente, as pessoas pretas. Do que chega ao conhecimento – a maioria por meio de denúncias diretas de fugitivos – a CPT elabora uma classificação em duas categorias: trabalho escravo e conflitos trabalhistas. Esta última se subdivide em superexploração e desrespeito trabalhista. Como critérios básicos para a identificação do trabalho escravo, a CPT afirma que é preciso que, no ato da denúncia, haja elementos que caracterizem o cerceamento da liberdade, seja através de mecanismos de endividamento (quando o trabalhador faz dívidas para poder trabalhar, seja com alimentação, seja tendo que comprar as próprias ferramentas de trabalho), seja pelo uso da força (proprietários ou funcionários armados, ocorrência de assassinatos, espancamentos e práticas de intimidação), ou mesmo pela situação de isolamento que impede a saída dos trabalhadores. Leonardo Sakamoto (2020) nos diz que:

Como o Estado brasileiro já não admite a possibilidade de uma pessoa ser “dona” de outra, também não reconhece o trabalho escravo como relação legítima ou legal. Por isso, quando nosso Código Penal foi aprovado, em 1940, esse crime ficou conhecido como “redução à condição análoga à escravo”. (SAKAMOTO, 2020, p. 9)

Do ponto de vista técnico e jurídico, essa é a nomenclatura para definir tal forma de exploração. Na prática, é o mesmo que trabalho escravo contemporâneo. Desta forma, segundo o artigo 149 do Código Penal, quatro elementos definem trabalho escravo contemporâneo, de maneira combinada ou isolada: Cerceamento de liberdade; Servidão por dívida; Condições degradantes de trabalho e Jornada Exaustiva.



Segundo o Instituto de Economia Agrária (IEA), em 2005 o etanol, produzido a partir da cana-de-açúcar, é considerado uma das alternativas de energia renovável com melhor custo/efetividade para a mitigação das emissões de gases de efeito estufa. Existem preocupações relacionadas com o atendimento das demandas internas e externas de biocombustíveis, que apontam na direção do avanço da monocultura de cana-de-açúcar e de seus respectivos impactos sociais e ambientais no território nacional. Assim, tal fato requer atenção especial de representantes do governo brasileiro, do setor privado e da população em geral. Esse contexto de avanço da monocultura de cana-de-açúcar e de seus respectivos impactos sociais e ambientais no Brasil é uma importante oportunidade para o envolvimento de diversos órgãos, como a Organização Internacional Brasileira, que tem o objetivo de combater os desmatamentos nacionais e internacionais, no processo de sustentabilidade. É notório que o uso de biocombustíveis em escala global poderá representar contribuição aos esforços internacionais para a redução das emissões de gases de efeito estufa, por ser uma alternativa renovável em relação ao uso de combustíveis fósseis.

No entanto, toda a eficácia que o etanol pode proporcionar não se reflete na qualidade de trabalho dos boias-frias desse país que, como descrevi, vivem em uma condição precária de trabalho. O que foi relatado pelos trabalhadores demonstra o processo desumano que essas pessoas vivem no seu dia-dia de trabalho. E foi a partir dessa vivência junto a eles, marcada por um recorte racial histórico, que comecei a desenvolver as últimas ações que culminaram na finalização da foto e vídeo-performance **Fuligem** (2019).

Os chamados boias-frias de nosso país são essencialmente pretos e vivem em condições degradantes de trabalho. O autor Achille Mbembe (2013), filósofo camaronês e autor da obra *Necropolítica*, apresenta um olhar diferente para a biopolítica, conceito discutido por Foucault, que nos ajuda a entender essas questões. Foucault, que lhe serve de inspiração, formula o pensamento de que a biopolítica opera na vida e sua dinâmica ocorre através do controle das vontades e dos corpos. Já Mbembe (2013) parte dessa leitura para formular que as políticas gregas são precursoras do controle sobre a morte dos outros. Com relação a isso, Mbembe se propõe a olhar para as políticas da morte como uma macroestrutura operante em países colonizados,



e seu funcionamento como sustentação do projeto de modernidade sobre o qual se ergueu a Europa. Esse questionamento surge quando Achille Mbembe nos fala que:

De todos os humanos, o negro é o único cuja carne foi convertida em mercadoria. Aliás, negro e raça têm sido sinônimos no imaginário das sociedades europeias. Desde o século XVIII, constituíram ambos o subsolo inconfesso e muitas vezes negado a partir do qual se difundiu o projeto moderno de conhecimento – e também de governo. Será possível que a relegação da Europa à categoria de mera província do mundo acarretará a extinção do racismo, com a dissolução de um de seus mais cruciais significantes, o negro? Ou, pelo contrário, uma vez desmantelada essa figura histórica, todos nós nos tornaremos os negros do novo racismo fabricado em escala global pelas políticas neoliberais e securitárias, pelas novas guerras de ocupação e predação e pelas práticas de zoneamento? (MBEMBE, 2013 p. 19)

Diante dessa reflexão, busco aproximações com o contexto discutido aqui, em que o corpo de pessoas pretas se encontram em situação de vulnerabilidade pelas condições de trabalho escravo que vivenciam na atualidade: pela falta de condições mínimas para realização de suas atividades com qualidade e segurança, pelo trabalho físico extenuante, que provoca várias lesões e condições degenerativas do corpo, pela remuneração insuficiente para uma vida digna... Como aponta Mbembe, as políticas neoliberais – aqui expressas na supremacia do agronegócio em nosso país – não estão preocupadas com as necessidades vitais desses corpos, mas sim com seu próprio lucro.

Neste contexto, pensando em termos de performance e políticas do corpo, optei em fazer uma gravação de outros cenários, por exemplo, comecei a fazer um roteiro com cada parte da cidade de Ceará-Mirim/RN que, de certa forma, tinha uma relação com a cana-de-açúcar. Fiz gravação em três pontos específicos, realizando foto- e vídeo- performances. O primeiro foi a praça que está localizada em uma das entradas da cidade, conhecida como praça Oiteiro Neto. Nesta praça tem uma imagem de um boia-fria anônimo – anônimo como todos os trabalhadores pretos em regime de escravidão contemporânea, corpos cujo nome não importa.





Foto 3. Performance Fuligem: Oiteiro. Foto de Alessandro Silva, 2019.
Praça de Vargos/ Ceará-Mirim -RN

O ato de estar na frente, de forma desafiadora, de uma estátua de um ex Boia-fria que trabalhou anos, no canal da Usina São Francisco, e perceber que nem mesmo seu nome está gravado na estátua, foi a forma que encontrei para transformar esteticamente e tentar dar visibilidade à situação de exploração em que vivem milhares de Boias-frias. Entendo que, neste contexto, os fatos devem ser ressignificados de forma crítica e, porque não, também poética, através de ações da performance. O meu objetivo como performer é dar a ver situações de exploração de mão-de-obra escrava e de trabalho escravo na contemporaneidade. Muitas vezes, achamos que a escravidão ficou para trás e está somente lá, no período colonial, quando homens e mulheres pretos/as foram escravizados/as há séculos. Contudo, percebemos que essa situação está presente, ainda que de forma disfarçada, ainda hoje no trabalho dos boias-frias.



3. Fragmentos: Performances Pretas na Contemporaneidade

FULIGEM⁷

*Com sua palha, afiada,
que me corta como uma navalha,
entre duas partes.
Fuligem que me cobre, em
um devaneio, com uma fumaça, cinza com
partículas pretas. É perceber, que o dia já passou, com isso preciso correr
É nesse espaço que eu passo o dia todo. Eu nem mesmo
reconheço mais.
para pegar o ônibus de volta para casa.
E ao chegar, na rua da minha casa, já não reconheço o
espaço que tanto derrubei, várias toneladas de cana para construir.
Não lembro mais os nomes dos meus filhos.
E perceber que vida de cortar cana, não estava só tirando
minha saúde, mas sim estava tirando o que há de mais precioso em minha vida:
A relação de afeto com os meus filhos.
E ao deitar na minha cama já percebo que acordei.
É preciso pegar a minha Boia, e seguir para o canalial
entre doze a quinze toneladas durante o dia.
No fim da tarde, é momento que eu vou pegar a boia.
Que não é mais boia quente, é boia fria.
boia-fria quer Boia quente.
Quero sonhar, mas não sinto entusiasmo para isso.
Quero ser mais do que um espírito morto,
onde as minhas ações estão limitadas
a cortar e cortar mais uma tonelada de cana.
Quero ser mais que um bagaço que está sendo destruído aos poucos de uma forma
degradante,
onde os pés da cana-de-açúcar viram partículas de um bagaço.
E os Boias Frias viram um bagaço onde cada vértebra de sua coluna não se sustenta mais.
Se degradando aos poucos.
Onde a fuligem me faz, em inalar fumaça oral e nasal, provocando um câncer futuro.
É nesse solo quente e úmido que deixo cada
dia um pouco de mim, nesse processo degradante.
Onde estou sendo triturado como uma cana-de-açúcar
que é triturada na moenda do engenbo.*

(João Azevedo, janeiro 2019)

Retomando as ações realizadas, procurei trazer à tona sensações e situações que remetessem à precariedade do trabalho dos Boias-frias: sem condições mínimas de trabalho, não tendo sequer acesso a materiais de segurança e ainda tendo que comprar, dos empregadores e com o seu próprio dinheiro, as ferramentas e seu material de

⁷ A vídeo-performance **Fuligem** (2019) encontra-se disponível no link: <https://vimeo.com/427152537>.



trabalho. Almoço? Só depois de mais de 10 horas de “labuta”. E sem contarmos aqui as inúmeras humilhações perpetradas por seus “superiores”.



Foto 4. Performance Fuligem: Cortar. Foto de Alessandro Silva, 2019.
Usina São Francisco/ Ceará-Mirim/RN

Outra ação desenvolvida foi o corte da cana-de-açúcar, realizada por mim até a exaustão. Diante desta vivência no canavial, eu me permiti desenvolver vários cortes, compulsivamente com o facão, até chegar ao estado de desgaste corporal. Essa potencialização de movimentos surgiu através da convivência com os Boias-frias que tinham que cortar, em média, de 12 a 15 toneladas diárias, trabalhando uma carga horária que ultrapassa seu limite físico e mental, apenas para o favorecimento e enriquecimento do agronegócio.

Retomando Achille Mbembe (2013), se o negro é o único “cuja carne foi convertida em mercadoria”, e se “todos nós nos tornaremos os negros do novo racismo fabricado em escala global pelas políticas neoliberais”, podemos inferir que os corpos “escravizados” nos canaviais são de trabalhadores sem perspectiva de vida, ou seja, corpos mortos em sua existência material, à mercê dos poderes externos que determina o valor de seu corpo enquanto mercadoria e o destrói gradativamente (em seu trabalho cotidiano de corte, queimada e plantio da cana de açúcar). Assim sendo,



vemos crescer as narrativas de desvalorização da massa trabalhadora: perda de direitos trabalhistas, aumento da carga horária de trabalho, pagamento de salário por produção, aposentadoria só aos 80 anos de idade.

4. Considerações Finais

Estar na condição de licenciado em Teatro na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, tendo consciência de minha negritude e uma visão crítica em relação aos modos como o racismo estrutural prevalece nesses espaços, me fez perceber a importância de refletir sobre o meu corpo preto e sua história em relação ao espaço acadêmico. Qual é o meu discurso? Eu, um sujeito, pobre, preto, periférico, aluno oriundo de escola pública. Quais são as minhas práticas? Me pergunto por que, por mais que as cotas raciais venham contribuindo de forma significativa para a reparação social da população negra, ainda vemos poucas pessoas pretas nas salas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – ou de qualquer outra universidade brasileira?



Foto 5. Performance Fuligem: Lâmina. Foto de Alessandro Silva, 2019.
Mercado do Café/ Ceará-Mirim-RN – onde, no período colonial, pessoas escravizadas eram comercializadas



Compreendo que só podemos lidar com aquilo que conhecemos ou reconhecemos como existente para nós. Se não caminarmos no passo do reconhecimento estrutural da nossa existência e suas condições, não chegaremos a futuros distintos do presente que agora se configura. Assim, em certo sentido, meus trabalhos artísticos e minhas ações buscam criticar o espaço em que estou inserido, para reconstruí-lo. Nesse sentido, reconhecer-se ser no mundo e articular-se dentro de seu meio, principalmente em tempos como o de hoje, pode ser um ato precioso de revolução.

Referências

- AZEVEDO NETO, João Francisco de. **Fuligem: Performance preta na cena contemporânea.** 2019. Performance complete disponível em <https://vimeo.com/427152537>.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- CIO'TTI, N. Entrevista com Ayrson Heráclito. Manzuá: Revista de Pesquisa em Artes Cênicas, v. 2, n. 2, p. 6-17, 3 out. 2019. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/manzua/article/view/18935> acesso 30/05/2020. Acesso em 25 de maio 2020.
- COUTINHO, Caio C. P. *O progresso econômico do município de Ceará Mirim-RN.* Monografia de Graduação em Economia, UFRN, Natal, 2016.
- FANON, Frantz. **Os condenados da Terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódio de um racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- NOBRE, Manoel Ferreira. Breve Notícia sobre a Província do Rio Grande do Norte. 2ª. edição - Pongetti- 1971.



ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Perfil dos principais envolvidos no trabalho escravo rural no Brasil**. Brasília: OIT, 2011.

REPÓRTER BRASIL. **O Brasil dos agrocombustíveis**: impactos das lavouras sobre a terra, o meio e a sociedade - cana-de-açúcar. São Paulo: Repórter Brasil, 2009. Disponível em: http://reporterbrasil.org.br/documentos/o_brasil_dos_agrocombustiveis_v3.pdf. Acesso em 30 de maio 2020.

REPÓRTER BRASIL. **O etanol brasileiro no mundo - Os impactos socioambientais causados por usinas exportadoras**. São Paulo: Repórter Brasil, 2011. Disponível em: http://www.reporterbrasil.org.br/documentos/Canafinal_2011.pdf. Acesso em 30 de maio 2020.

SAKAMOTO, Leonardo. **Escravidão Contemporânea**: São Paulo. Editora: Jaime Pinsky. 2020.

TERRA, Comissão Pastoral da. **Conflitos no Campo Brasil 2018**. Goiânia-GO: Centro de Documentação Dom Tomás Balduino. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/publicacoes-2/destaque/4687-conflitos-no-campo-brasil-2018>. Acesso em 28 de maio de 2020.

*Recebido em 09 de setembro de 2020
Aceito em 19 de novembro de 2020*

